Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil **Class.:** 12

Data: 27.11.68 **Pg.:** 1º/07

JB
ANO MÊS DIA 68 11 27
CAD. PAG. 1º 107

waimiri

A versão do mateiro Álvaro merece crédito na Amazônia e dúvidas no Rio

Meireles é encontrado bem mas com o seu radiotransmissor quebrado

Um defeito no transmissor foi a causa da interrupção, por cinco dias, das comunicações gerais que a expedição pacificadora dos cinta-largas, chefiada pelo sertanista Francisco Meireles, mantém com a 9.ª Inspetoria da Funai, em Rondônia. Seus 40 membros foram localizados ontem e passam bem.

A expedição foi localizada por um helicóptero da FAB, que desceu em uma clareira na floresta para manter o contato. Francisco Meireles, experimentado sertanista, já manteve contatos visuais com os índios, que os vêm recebendo muito bem, trocando grandes quantidades de alimentos pelos brindes que a missão vai deixando pelo caminho.

CINTA-LARGA

A expedição de Francisco Meireles está a cêrca de 200 km de Pôrto Velho, na serra dos Parecis, entre Rondônia e o Município de Aripuanã, em Mato Grosso.

Até agora os trabalhos vem se desenrolando satisfatòriamente, com os índios ainda à distância, mas trocando os brindes que a expedição vai deixando nas tapiris — choças rústicas construídas para abrigar os presentes — por grande quantidade de farinha de mandioca e bananas, principalmente.

No momento ainda não foram feitos contatos pessoais mas o andamento da expedição parece assegurar bons resultados.

PONTOS DE ATRITO

A missão de Francisco Meireles na serra dos Parecis é apenas uma das várias expedições pacificadoras que a Funai mantém atualmente para acabar com os pontos de atrito entre índios e brancos.

Afirmou o presidente da Funai, Sr. José de Queirós Campos, que êsses atritos surgem com as frentes de trabalho avançadas das estradas de rodagem e a invasão dos mineradores, madeireiros e garimpeiros, que entram arbitràriamente no território indígena.

Disse que, com relação aos projetos industriais e à abertura de estradas de rodagem na Amazônia, apenas a Sudam — Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia — consulta a Funai para saber se em uma determinada região há ou não índios, ou se tal área pertence a territórios indígenas.

Tão logo a Funai torna conhecimento dessas invasões, interdita a zona, como aconteceu no mês passado, quando uma área de aproximadamente 100 km2, na divisa do Amazonas com o Pará, foi interditada, por pertencer aos índios Gaviões.

Esses índios, que estavam se revoltando por causa da infiltração de frentes de trabalho, estão sendo agora pacificados pelo chefe da 3.ª Inspetoria, Sr. Ismael da Silva Leitão.

Outras áreas interditadas pela invasão de território indígena são a dos cinta-larga, a dos Canoeiro ou Beiços de Pau, no município de Diamantino, em Mato Grosso, que estão sendo pacificados pelo jesuíta Antônio Iasi Júnior, e a dos Kran-a-Korê, na serra do Cachimbo, em Mato Grosso, onde estão atuando os irmãos Vilas Boas.

A próxima área a ser interditada será a região dos atroarie waimiri, entre Roraima e Amazonas. Uma área interditada fica proibida ao homem branco até que os índios que a habitam sejam pacificados.

OS GAVIÃO

Brasília (Sucursal) — Segundo informações da Secretaria-Executiva da Funai, nesta capital, a expedição pacificadora dos índios Gavião — que mataram recentemente um colono — já encontrou 23 acampamentos vazios, acreditando que a tribo esteja em migração.

Os Gavião, do grupo Gê, habitam normalmente o sudeste do Pará, mostrando-se hostis até agora. Recentemente, com a implantação de uma companhia na região, foram atingidos pelos brancos e estão em fuga.

A Funai, após o encontro, constituiu uma expedição, chefiada por Antônio Contrin, para tentar a pacificação. Não se sabe ao certo quantos são os índios, calculando-se o total em pouco mais de 80. A expedição acredita que o principal grupo esteja nas proximidades do igarapé Jatobá, a 150 km do rio Tocantins.

OFERECIMENTO

O secretário-executivo da Funai, Sr. João Batista Cavalcanti, foi procurado ontem por um grupo de médicos do hospital da L-2, de Brasília, que se oferecem para atender os índios em qualquer emergência. Êste grupo será enviado sexta-feira — com duas toneladas de alimentos — para a aldeia Gorotire, em São Félix do Xingu, onde uma epidemia de sarampo, já controlada, matou vários índios.

Fundação do Índio suspeita, no Rio, que Álvaro tenha culpa no massacre

JB 27/11/68 1º/07

A hipótese de que o mateiro Álvaro Paulo da Silva — o único participante da expedição do padre João Calleri até agora aparecido — tenha alguma culpa no desaparecimento da missão fortaleceu-se ontem na Fundação Nacional do Índio com a notícia de que o PARA-SAR desceu na clareira onde o caboclo dissera ter visto quatro corpos e nada encontrou.

Para o presidente da Funai, Sr. José de Queirós Campos, o depoimento do caboclo, ontem divulgado em minúcias, apresenta inúmeras incoerências, que poderiam ser o resultado de sua emoção ou então de uma história forjada. Acha estranho, entre outras coisas, que o mateiro tenha aparecido com a pistola Beretta do padre Calleri, da qual êle nunca se separava quando estava em missão entre índios não civilizados.

FALTA DE NOTÍCIAS

A única notícia recebida ontem na Funai — com o atraso de 24 horas — foi um rádio datado da véspera expedido pela 1.ª Inspetoria de Manaus, informando que membros do PARA-SAR haviam descido na véspera na área percorrida pela expedição do padre Calleri e não encontraram corpos humanos, conforme fôra suposto, inicialmente, pelas fotografias aéreas.

O comunicado acrescenta que as buscas à expedição desaparecida continuam a ser efetuadas.

O presidente da Funai explicou que a confusão gerada pelas fotografias aéreas deveu-se às condições em que foram tiradas, de grande altura e a grande velocidade, mais de 300 km por hora.

Essas fotos, bastante imprecisas, davam a impressão de haver dois corpos estirados junto a um aldeamento dos índios Atroari. Posteriormente, com a versão do mateiro, a hipótese de que fossem realmente corpos humanos robusteceu-se, até que o PARA-SAR desceu na clareira e nada encontrou.

Êste ponto, aliás, é uma das questões do depoimento do mateiro Álvaro que apresentam controvérsia. Disse o presidente da Funai que os Atroari já queimaram anteriormente os corpos de suas vítimas, o que, à primeira vista, pareceria confirmar as palavras de Álvaro.

Entretanto, o que o Sr. José de Queirós Campos não entende é como o caboclo pode ter visto os corpos estirados defronte à maloca (aldeamento). Sendo verídica sua afirmação, faz pressupor que os índios tenham voltado posteriormente para queimar ou fazer desaparecer os corpos, o que vai contra todos os hábitos dos índios, que não costumam esperar muito tempo para queimar os corpos de suas vítimas, não só com mêdo de possíveis represálias dos brancos, mas também por temor do espírito dos mortos.

PONTOS CONFUSOS

Outros pontos do depoimento do mateiro causam estranheza ao presidente da Funai, inclusive as declarações de que o padre havia tratado mal alguns índios, o que teria provocado a revolta e o posterior massacre.

— Ora — disse o Sr. José de Queirós Campos — o padre Calleri estava financiando parte da expedição e era diretor da Comissão Pró-Índio da Prelazia de Roraima, um dos melhores órgãos sôbre índios existentes no país. Por isso, e também pelos contatos que já havia feito com os Atroari até que as transmissões cessaram, todos amistosos, não posso acreditar nisso.

Acha o presidente da Funai que a história de Álvaro parece um álibi, embora reconheça que os pontos confusos possam ser produto da sua emoção.

— De qualquer forma — acrescentou — acho certos trechos de seu depoimento contrários ao comportamento dos índios e ao de qualquer expedição pacificadora, como era a do padre Calleri, um antropólogo e profundo conhecedor dos índios da região.

Estranha bastante também que o caboclo possa ter chegado até perto da maloca dos Atroari, o suficiente para ver os corpos, e não ter, ainda assim, sido pressentido pelos índios, acostumados a perceber qualquer estranho na floresta a uma grande distância.

Ainda mais estranho para o presidente da Funai é que Álvaro tenha voltado depois à maloca e apanhado mantimento e armas e que tenha tido tempo de fazer uma jangada para escapar do lugar. Todos êsses pontos apresentam fatos incompreensíveis para o Sr. José de Queirós Campos, que, no entanto, admite a possibilidade do caboclo estar atordoado com os acontecimentos.

— Mas na verdade — frisou — tudo parece invenção.

BUSCAS PROSSEGUEM

Até ontem à tarde, oficialmente, nenhum corpo da expedição do padre João Calleri havia aparecido, apesar das notícias anteriores que davam o encontro de dois e quatro corpos.

Informou-se ontem que o padre Calleri levava em sua expedição um patrimônio de pelo menos NCr$ 20 mil, em armas, mantimentos, presentes para os índios, remédios, etc. Suas provisões dariam para 40 dias, ou seja, já deveriam ter-se esgotado há alguns dias, pois a missão partiu no princípio de outubro.

Apesar de a Amazônia estar atravessando a estação das chuvas, já começadas há algum tempo, as buscas, sempre que as condições metereológicas o permitirem, vão continuar. Entretanto, daqui por diante — e até fevereiro — a intensidade das chuvas aumentará sempre, o que poderá obrigar a uma paralisação dos trabalhos.

INTERDIÇÃO E PENSÃO

A minuta do decreto que o presidente da Funai entregará ao Ministro do Interior, General Albuquerque Lima, para ser enviada ao Presidente da República, pedindo a interdição da área onde vivem os atroaris — em Rondônia — está pràticamente pronta.

O Ministro do Interior, a respeito da missão do padre Calleri, determinou ontem à Consultoria Jurídica do seu Ministério que, no caso de morte comprovada de qualquer membro das expedições de pacificação, que não seja funcionário público ou autárquico, nem pertença aos quadros da Funai, seja elaborada minuta de projeto de lei para que o Presidente da República o encaminhe ao Congresso, dando uma pensão vitalícia à família do expedicionário desaparecido.

Esclareceu o Ministério do Interior que êsse fato já ocorreu uma vez, quando, numa expedição aérea a Cachimbo, onde atualmente os irmãos Vilas-Boas estão pacificando os kran-a-korês, morreu um índio que não pertencia ao extinto Serviço de Proteção aos Índios mas lhe prestava serviços. A lei a respeito foi sancionada êste ano.

Mateiro tem crédito na Amazônia

Moura (Álvaro Caldas e Ronald Theobald, enviados especial) — Existem ainda algumas dúvidas quanto ao depoimento de Álvaro Paulo da Silva, mas em seu conjunto êle é considerado verdadeiro, pois nas diversas reinquirições o mateiro confirmou tôda a história que contou.

A parte final de seu depoimento foi confirmada pelos dois geólogos que o levaram a Itacoatiara. A ingenuidade e a simplicidade do mateiro contribuem também para dar crédito à sua versão, que na parte inicial — êle diz que fugiu após o massacre — é contestada pelo último comunicado do padre João Calleri, que o deu como desertor.

Os seis homens do PARA-SAR que desceram na clareira onde estão as malocas não encontraram nenhum sinal de violência. Nos 40 minutos que ficaram em terra, protegidos por um Catalina, os pára-quedistas encontraram apenas um soutien com a alça arrebentada que pudesse ser imputado a ataque violento.

O material recolhido, inclusive um coldre e uma bainha de faca, foi trazido para Moura, uma aldeiazinha situada entre os rios Negro e Branco, a cêrca de uma hora de avião de Manaus. Moura não tem mais que cem habitantes, que vivem da caça e principalmente da pesca. A FAB mantém há muito tempo um campo de pouso na aldeia, transformada em centro das buscas da expedição do padre João Calleri.

Função do Pe. Calleri era afastar índios da estrada

Álvaro Caldas e Ronald Theobald
Enviados Especiais

Manaus — O padre Calleri, da prelazia de Roraima, tinha como princípio que índio não se pacifica — porque êle vive em paz em suas terras — e só se aproxima para evitar choques com os brancos. Foi com essa teoria que êle partiu chefiando a expedição destinada a fazer contato com os waimiris e atroaris seguindo o plano concebido em 6 de agôsto.

O plano é de autoria da prelazia, organizado em colaboração com Fundação Nacional do Índio, Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas, Ministério da Aeronáutica e Grupamento Especial de Fronteiras, do Exército. Seu principal objetivo era a integração da Amazônia, facilitando a construção da BR-174, entre Manaus e Caracaraí.

O PLANO

O plano da prelazia de Roraima especifica os objetivos, roteiro, condições e meios da missão "para uma decidida tentativa de solução do espinhoso problema indígena, que torna árdua a realização de um extraordinário projeto a favor de nossa Amazônia e de todo o Brasil: a BR-174."

Sôbre os objetivos, o plano especifica que "em vista das necessidades imediatas e futuras do movimento geral da BR-174, em consideração dos fatos recentes e remotos acontecidos na região em exame, e de acôrdo com os princípios psicotécnicos da dinâmica de trabalho entre índios, achamos conveniente fixar, no nosso empreendimento, os seguintes objetivos:

1 — Contato com todos os grupos indígenas que ocupam a região Alalaú-Jauaperi, do Rio Branco até os limites com a Guiana Britânica (hoje independente). Até êste momento só se fala de waimiris e atroaris.

2 — Amizade com os mesmos grupos. Deve-se, mediante uma dedicação sincera, inteligente e sistemática, conseguir tirar dêstes índios os más contatos que, em 200 anos de história [illegible] (várias centenas de mortalidade em massacres horrendos entre civis e índios), ficaram de nós.

3 — Afastamento das residências [illegible] da área total do movimento, presente e futuro, da BR-174. Julgamos suficiente, para esta operação, um raio mínimo de 120 km, equivalente a 150 km de caminho com seis dias para percorrê-los: um índio dificilmente cobre estas distâncias, a não ser que seja para visitar parentes.

4 — Aldeamento e organização dos silvícolas numa zona estratègicamente escolhida: diferente da posse particular de qualquer tribo e, ao mesmo tempo, situada numa área de grande trânsito, a fim de pôr obstáculos a eventuais tentativas de fuga (mêdo da estrada) para os Wai-Wai, parentes dêles na Guiana.

Dispomos, neste momento, dos seguintes resultados, conseguidos pela Dersam-Funai e úteis para esta lógica de trabalho (únicamente echemos que deverá ser aplicada, neste próximo futuro, mais sistemática na impostação de método e operações): localização de duas malocas, no igarapé Santo Antônio; encontro com alguns indivíduos índios; e distribuição de presentes.

ROTEIRO

O itinerário que iremos apresentar — continua o plano — é fruto ùnicamente de uma lógica mental, baseada, é certo, em princípios de ética indigenista objetiva e dados de experiência indigenista concreto, mas não aprioristicamente realizável, sendo que: 1 — não se conhece meio de comunicação com êsses índios; 2 — o sistema de receptividade do silvícola é muito volúvel, especialmente se se considera o forte abalo a que êle, no nosso caso, foi submetido pelos acontecimentos tristes do passado.

Por conseguinte, na aplicação ao campo prático, dever-se-á ponderar tôdas as circunstâncias reais antes de executar ou reestruturar, e em quais têrmos.

1 — Sobrevôo de reconhecimento por um raio de 40 km, com centro na cachoeira Criminosa e as seguintes finalidades:

Levantamento topográfico de tôdas as aldeias indígenas.

Localização de uma zona neutra onde concentrar os grupos indígenas de imediato contato com a estrada.

Lançamento de presentes preparados em sacos e marcados cada um por um emblema particular (disco vermelho em campo branco), que servirá ao índio para identificar as sucessivas expedições por terra e água, pois será igualmente marcado, nas pessoas e objetos.

2 — Organização da equipe de trabalho para cobrir um período inicial e experimental de operações de três meses, até 31 de dezembro vindouro (isto foi modificado e antecipado para fins de novembro).

Formação: Oito (só foram seis) homens, três mulheres, um padre. Consideramos oportuna a presença da mulher, elemento nôvo na história destas expedições, pelos seguintes motivos:

— Dá-se ao índio a impressão de uma operação "normal"; movimento de famílias que estão realizando o próprio futuro.

— Tira-se dêle o mêdo instintivo pela sorte das próprias mulheres.

— Animam-se os silvícolas a respeitar a comitiva na esperança de que um dia estas mulheres venham a fazer parte de suas famílias.

— Os mesmos homens da comitiva, destinados a trabalhar num campo tão delicado e perigoso, encontram na presença da mulher um precioso complemento psicológico que favorece a serenidade do espírito, por demais necessária nessas operações.

Interrelações: os componentes serão, pelo que se refere o comportamento e trabalho, rigidamente submetidos às normas psicológicas e práticas da direção da expedição.

Relações externas:

— Respeito absoluto pela personalidade do índio.

— Demonstração calma e contínua da própria superioridade.

— Direito exclusivo do dirigente ou do seu delegado de tratar de operações ou de assuntos importantes com os silvícolas.

— Uso absoluto de meios pacíficos para o alcance de qualquer finalidade.

3 — Expedição preliminar, por terra, entre os grupos de imediato contato com a estrada (Atroari A-B do igarapé Santo Antônio), com as seguintes etapas:

Penetração, encontro e brevíssima permanência com os indígenas (achamos o trabalho por terra, sendo esta considerada posse dêles, bastante exposto a perigo).

Traçamento de um caminho Y até o rio Alalaú, a ser executado pelos mesmos silvícolas: uso de técnicas particulares de persuasão e início da inserção dêles no nosso movimento.

Julgamos oportuno, contràriamente a quanto indicamos em nossos planos anteriores inserir neste programa definitivo de trabalhos e operação Expedição Preliminar por terra pelos seguintes motivos:

a) Sentimento de insegurança nos elementos da estrada já quase em contato direto com os primeiros grupos indígenas.

b) Vantagem decisiva para a expedição posterior se pudéssemos contar, desde o início, com a amizade de um grupo pequeno, aparentemente não muito ofensivo, que nos facilitaria todo o trabalho de contato com os demais grupos.

c) Esta nova fase de operação será iniciada e continuada só na medida em que tôdas as condições forem totalmente favoráveis.

4 — Expedição definitiva, por água, rio Alalaú, até o ponto de saída do caminho Y, com as seguintes etapas:

Penetração, pelo Y, até as malocas A-B, e permanência de vários dias; construção de um acampamento AL; demonstração de bondade, alegria, fôrça e prestígio, convicção nos índios que a gente é interessante; deslocamento, pelo Y, dos grupos A-B até o rio Alalaú.

Acampamento A-2, em ilha, fora do alcance das flechas, com: permanência de várias semanas; demonstração de habilidade em caça e pesca para dar convicção ao índio, que vivendo conosco ficaria resolvido o maior problema, o da fome; exploração de tôda a zona, até as cabeceiras do sistema Jauaperi, com campos de pouso para helicóptero, sobrevôos de reconhecimento, localização de tôdas as malocas e estudo de uma área neutra e afastada (120 km do eixo da estrada) para a fase final do aldeamento; deslocamento dos grupos A-B.

Centro de Aldeamento (previsto nas cabeceiras do rio Alalaú, margem direita), com:

a) Plantação de mandioca para dar convicção aos índios de que os brancos querem aí morar mais de um ano;

b) Construção de uma casa para dar a convicção de que somos gente que está aí "vivendo" e não explorando;

c) Inserção dos índios em todo nosso movimento, com sistemas particulares de retribuição de trabalho, à base de artifícios dinâmicos, com poder de alcance, nos tempos de "mercado" de qualquer objeto de interêsse para dar entusiasmo e senso de dignidade através a descoberta de novos valôres e direitos para forçar pedido por parte dêles para morar conosco;

d) Destinação de áreas particulares para a morada dos grupos A-B;

e) Descobrimento de outros grupos amigos dos A-B e aproximação dêles ao Centro de Aldeamento.

Centros Particulares, sempre dependentes do centro-base, para o aldeamento dos grupos inimigos.

Organização Geral — vida, movimento, cultura — de todos os Centros.

Separação definitiva da estrada:

— Uma vez que o silvícola necessàriamente voltará, para abastecimentos, às velhas malocas, até esgotar o aproveitamento das plantações, acha-se conveniente o contato brevíssimo dêle com a estrada;

— Êste contato, mediante a participação nos trabalhos e consequente retribuição, sempre interessante, deveria trazer ao índio a convicção de que a estrada não é um inimigo;

— Aproveitando, depois do fenômeno, a grande afluência, na estrada, de pessoas, sempre amigas, mas que inevitàvelmente provocam a rápida diminuição dos meios vitais de sobrevivência, criaremos no índio a convicção de que a estrada, embora boa, deve ser definitivamente abandonada.

CONDIÇÕES

Para tentar realizar o programa acima exposto, pedem-se as seguintes condições, a serem atuadas preliminarmente:

1 — Suspensão dos trabalhos de máquinas e desmatamento na zona em questão.

2 — Cessação de qualquer outro movimento de atração dos silvícolas, com o pôsto da Funai em Camanaú ou qualquer outro lugar ou oportunidade de distribuição de material agradável ao índio, a fim de evitar que seja anulada ou mesmo só reduzida a eficácia de operação de organização central.

3 — Autorização para essa organização poder orientar e disciplinar todo o movimento de relações com êstes silvícolas, dentro e fora de área da BR-117.

4 — Fornecimento, desde agora, até 31 de dezembro vindouro, com possibilidade de prolongar êste período, de todos os meios de organização e execução na relação a seguir:

MEIOS

Humanos — *dez homens, duas mulheres, um padre. Ordenados para os homens e mulheres: NCr$ 193,50 mensais.*

O grupo levará como alimento: 1 480 kg de farinha, 55 latas de óleo, 160 kg de sal, 180 kg de açúcar, 85 kg de feijão, 70 kg de arroz, 60 latas de conserva, 45 kg de café em pó, e três kg de cebola.

Como indumentária: 18 calças, 27 calções, 24 camisas, 27 meias, 18 chapéus, 32 lenços, 12 botas, 18 botinhas e 16 botas.

Como pertences: 60 barras de sabão, 72 sabonetes, 72 pastas de dente, 14 escovas de dente, um aparelho de barbear, 30 pacotes de gilete, 18 tubos de pasta para barbear, 14 isqueiros, 1 450 pedras de isqueiro, 40 agulhas, 100 botões, 18 novelos de linha branca e 18 de linha preta.

Material de trabalho: oito rodas de arame, 12 kg de pregos, quatro enchadas, seis ciscadores, quatro foices, dois arcos de pua, quatro chaves de fenda, dois alicates, uma torquês, duas chaves americanas, dois serrotes, cinco verrumas, duas picaretas.

Material de caça: 16 espingardas, um revólver, 75 kg de chumbo, 9 kg de pólvora, 2 mil espoletas de cascavel.

Material de cozinha: quatro panelas, duas frigideiras, 13 pratos de alumínio, 18 colheres, 12 garfos, 13 canecas, três garrafas térmicas e 40 rolos de palha de aço.

Material de viagem: gasolina e óleo para motor de pôpa para 1 000 km, combustível de motor de centro para 1 400 km, 50 litros de óleo para engrenagem, 120 latas de querosene, 14 pacotes de fósforo, 24 pilhas grandes.

Materiais vários: um rádio, um transmissor, um gravador, uma máquina fotográfica, 12 lanternas elétricas, 16 bornilhas, 60 pacotes de cigarro, 45 maços de fumo, papelina, cocal e remédios.

Para presente: 120 machados largos, 320 terçados "128", 80 terçados "127", 500 facas peixeira, 150 limas, 2 mil anzóis, 30 maços de linha americana, mil metros de linha de nylon, 12 kg de chumbada, 80 tesouras, 100 espelhos, 200 pentes, 100 [illegible] da, latas e sacas vazias.